

## APRESENTAÇÃO

A revista Interação chega ao vol. 11, nº 01 (2020).

No fim desse ano, completaremos 11 anos. Dizem que o número 11 é um número espiritual e de intuição.

Sobre a intuição, um dos maiores filósofos da humanidade, Immanuel Kant proferiu a seguinte sentença: *“Todo o conhecimento humano começou com intuições, passou daí aos conceitos e terminou com ideias”*.

De fato, o conhecimento humano é marcado por avanços e retrocessos. Sem dúvida, a vida humana é marcada por erros e acertos. Quanto aos erros, todos cometemos erros, errar não é específico da espécie humana. Outros seres vivos, animais e até as plantas, têm uma capacidade parcial de prever alguns erros, reconhecê-los e até aprender com eles.

David Miller afirma: *“Porém, parece que só os seres humanos atuam ativamente nesse sentido. Em vez de esperarmos que os erros se revelem, eventualmente com consequências desastrosas, tentamos identificá-los de forma consciente e deliberada: testamos nossas ideias e invenções, as examinamos de forma crítica, jogamos fora o que descobrimos que está errado e tentamos outra vez”*.

Há uma fraqueza tipicamente humana: *“o sentimento de que devemos nos envergonhar de nossos erros e lamentar havê-los cometido, já que eles nascem da nossa incompetência ou da falta de discernimento maduro. Tais escrúpulos são descabidos e devem ser afastados, pois, não conhecemos nenhuma maneira de evitar sistematicamente o erro nem, em particular, de evitá-lo quando exploramos o desconhecido. Por isso, a relutância em cometer erros geralmente degenera em uma desconfiança em relação às ideias novas, em uma antipatia a qualquer tipo de iniciativa ousada. Se temos um desejo sincero de descobrir como é o mundo, devemos estar preparados para corrigir erros; se vamos corrigi-los, devemos estar preparados para cometê-los”*.

Ou seja, o Universo no qual vivemos pode ser percebido, entendido e compreendido de formas e perspectivas diferentes. *“Não são os erros em geral que devem nos perturbar, mas apenas aqueles que somos incapazes de corrigir”*. A realidade é composta de uma grande diversidade de seres que se relacionam dinamicamente em um contínuo processo de transformação. Devemos ser indulgentes com a ocorrência de erros, pois, não importa o que fizermos, não evitaremos todos.

A realidade com a qual tomamos contato tem, ao mesmo tempo, uma estrutura objetiva e subjetiva. A realidade é um fato: nascer, crescer e morrer.

A realidade, porém, é essencialmente subjetiva, pois é reconhecida e interpretada de acordo com nosso “ponto de vista”, de acordo com nossa visão de mundo. Cada pessoa possui sua forma particular de ver as coisas e sentir o mundo e o universo que a rodeia. Essa subjetividade faz que a nossa experiência de mundo seja rica e nos faz descobrir sempre novos aspectos deste único universo que temos. Outra característica da realidade é a sua diversidade. Basta sermos um pouco mais atentos para perceber o óbvio que muitas vezes não notamos.

A nossa realidade não é uniforme: somos pessoas com diversas e múltiplas personalidades, inúmeros estilos de vida, diversas estruturas familiares, diversas religiões e, dentro destas, diferentes formas de religiosidade e etc.

Essa edição da revista InterAção está situada nesse universo da “*filosofia popperiana*”.

O tema das observações precedentes na entrevista e nos artigos está permeada pela atitude crítica (o racionalismo crítico) e a ousadia intelectual.

Tal como Karl Popper e seus seguidores, essa edição está recheada de conjectura – considerada como forma de adquirir conhecimento - e a crítica – considerada como forma de controlá-lo.

Como diria Popper, “*o conhecimento evolui em uma sequência de conjecturas e refutações, de soluções provisórias dos problemas*”. No racionalismo crítico, “*nosso conhecimento não tem base segura, fica mais livremente no ar do que assentado em alicerces sólidos*”.

É nessa linha filosófica que apresentamos a seguinte edição:

O entrevistado foi o geógrafo, **prof. Dr. Vinicius Modolo Teixeira**.

Teixeira trata de temas essenciais a realidade complexa e multifacetada das Relações Internacionais: Geografia Política, Geopolítica, Conflitos e Cooperação na América do sul, Cooperação em Defesa e Conflitos Contemporâneos.

Tivemos três questões sobre Conflitos e Cooperação na América do Sul e Política Externa Brasileira. E uma última questão emblemática sobre o êxito dos britânicos – *Spitfire* e *Hurricane* - na Batalha da Inglaterra durante a II Guerra Mundial.

O primeiro artigo, intitulado ***Michael Oakeshott on Social Policy***, de Daniel Lena Marchiori Neto, marca um divisor de águas na produção sobre a filosofia conservadora no Brasil. É uma contribuição necessária e fundamental. Primeiro, por ser um autor conservador ainda desconhecido em grande medida “*nos círculos acadêmicos brasileiros*”. Segundo, é um texto revisionista. Ou melhor, uma visão acurada sobre o pensamento de Michael Oakeshott no que tange a política social.

Marchiori Neto – um dos grandes intérpretes brasileiros da produção de Oakeshott – contrapõe e rejeita visões até então consolidadas sobre particularidades das principais ideias de Oakeshott sobre políticas e reformas sociais. Inegavelmente, é uma contribuição sui generis para um debate mais amplo sobre associação civil e política social no pensamento conservador, em especial, de Michael Oakeshott.

O segundo artigo intitulado **Uma “releitura” da ciência política de Nicolau Maquiavel** de Ariosto SpareMBERGER e Cristian SpareMBERGER é uma “releitura” a partir de três visões distintas sobre os principais aspectos acerca da atualidade do pensamento do filósofo florentino. É um texto propedêutico nesse propósito intelectual.

O terceiro artigo intitulado **As bases da ciência social weberiana e a interpretação crítica de Leo Strauss** de Igor Campos da Silva e Iann Endo Lobo é um texto provocativo, inquisitivo e atual. É um mergulho sobre um dos pontos fulcrais da análise weberiana: a “neutralidade” científica. Ao trazer à luz os elementos críticos dos sofisticados intérpretes de Weber – em especial Leo Strauss – faz uma homenagem justa ao centenário de Max Weber.

O quarto artigo chama-se **A utilização (política) da internet pelos Estados Nacionais no contexto da sociedade mundial: uma observação sobre o caso Russo e a aparente desterritorialização intrínseca da internet** de Gustavo Zatelli e Nathaly Mancilla Órdenes. Contribuição original, crítica e versátil dos autores. Há limites para controle estatal? Leia o texto!

Boa leitura!



**PROF. DR. JOSÉ RENATO FERRAZ DA SILVEIRA**  
ID <https://orcid.org/0000-0001-7751-7583>  
Editor-chefe Revista InterAção  
<https://periodicos.ufsm.br/interacao>